

Ifí Amadiume: A teoria dos valores Matriarcais de Cheikh Anta Diop como base para a Unidade Cultural Africana

Introdução do livro "A Unidade Cultural da África Negra" de Cheikh Anta Diop, edição da Karnak House, 1989

Ifí Amadiume

Disponível em: <https://insurreicaocgpp.blogspot.com/2018/05/a-teoria-dos-valores-matriarcais-de.html>

Foi em 1983 que quase encontrei Cheikh Anta Diop em uma comunidade sufi em Madina-Kaolack, no Senegal. O Iman e Shaikh dessa comunidade, sabendo dos meus interesses políticos e intelectuais, me disse, logo que cheguei, que eu tinha acabado de perder Cheikh Anta Diop. Então novamente em 1985, me vi bem diante do grande sábio Africano. O organizador da conferência de 1985, logo quando Cheikh Anta Diop entregou um papel em Londres, sabendo de como a notícia iria me afetar, pediu-me para encontrá-lo. Mesmo que muito grávida na época, eu rapidamente fui até ele. Eu fiz como se fosse falar com ele e ele estendeu a mão retornando a saudação. Quando alguém veio entre nós e começou a falar com ele, então deixei conversarem e voltei ao meu assento.

Mais tarde, em 1985, escrevi Afrikan Matriarchal Foundations: The Igbo Caseem que eu tentei comprovar algumas das ideias levantadas por Diop em A Unidade Cultural da África Negra: As Esferas do Patriarcado e do Matriarcado na Antiguidade Classica. Eu dediquei o livro em tributo a Diop em Igbo, Ebunu ji isi eje ogu, "Carneiro corajoso que luta com sua cabeça". Claro que me referi lutar sem medo com coragem e inteligência; o que Diop chamava "racionalização". Depois, em 1986, eu li um aviso num jornal nigeriano que o nosso grande filósofo tinha morrido de um ataque cardíaco e eu chorei. Ele tinha apenas 62 anos de idade. Ao ser convidada para escrever

essa introdução do livro Unidade Cultural da África Negra, edição da Karnak House, eu me encontrei novamente no caminho de Cheikh Anta Diop. Espero não me perder em adulação cega, mas avaliar objetivamente os méritos deste livro, não só como munição para lutar contra os racismos contra África, mas para sua relevância no pensamento político contemporâneo Africano e para o desenvolvimento de um programa de estudos africanos, classe mais progressiva e consciência de gênero.

Diop escreveu este livro durante as lutas nacionalistas dos anos 50 e num período de debate pela independência Africana. Como um pan-africanista acima de tudo, atacou aqueles que não poderiam conceber a ideia de uma federação Africana independente ou de um estado Africano multinacional. Ele, portanto, se comprometeu a demonstrar "nossa unidade cultural orgânica", apesar de uma "aparência enganadora da heterogeneidade cultural". Por que Diop adotou essa abordagem orgânica? Uma razão pode ser o fato de que aquele era o período da abordagem orgânica (o conceito de homogeneidade de uma sociedade específica que exclui as contradições sociais) seguido pelos formalistas nas ciências sociais. Esta abordagem foi mais tarde negada pelos funcionalistas e estruturalistas. No entanto, o trabalho de Diop faz mais sentido na escola estruturalista, pois ele está basicamente tratando de ideias. A outra razão pode ser que neste assunto em particular, Diop não estava simplesmente preocupado com os acadêmicos puramente abstratos, mas tinha um compromisso político com seu povo para tentar reconstruir uma história e cultura, que foi submetido cerca de 900 anos de pilhagem pelos árabes e os europeus, isso nem mesmo inclui a destruição da antiga civilização egípcia Africana. Diop, portanto, defendeu que aquilo que nos une é muito mais fundamental que as nossas diferenças superficiais, e que estas diferenças são impostas externamente. Elas derivam da herança colonial.

O que Diop teve firme controle e usou para discutir a "profunda unidade cultural" da África foi a história do matriarcado Africano. Ele assim procedeu a partir da análise da condição material a superestrutura ideológica. Ao fazê-lo, Diop recuperou nossa história Afrocêntrica, aplicando uma visão holística e uma análise estrutural do mito a fim de expor as ideias por trás dos acontecimentos. O resultado foi um modelo para uma história social Africana comprehensível.

As forças racistas, colonialistas e imperialistas que Diop estava confrontando naquele momento o obrigou a não argumentar exclusivamente na análise do matriarcado na África. Ele teve de enfrentar o mundo dos chamados "especialistas" sobre o assunto. Diop, assim, passou a fazer uma crítica extensa e devastadora da teoria de Bachofen sobre o matriarcado e da teoria da família de Morgan.

A teoria evolucionista do matriarcado de Bachofen baseou-se na análise da literatura grega clássica. A partir desta fonte grega limitada, ele passou a generalizar para toda a organização social humana a evolução de um período em que não houve casamento, mas "barbárie" e "promiscuidade sexual", baseado em um sistema de descendência matrilinear para um período de casamento e matriarcado baseados na supremacia da mulher. A fase final foi o período do imperialismo masculino, isto é, o patriarcado. Como aponta Diop, Bachofen não parou em fabricar esses períodos evolutivos, mas também impôs um julgamento preconceituoso, concluindo que o patriarcado é superior ao matriarcado.

Mesmo assim, o que é interessante na análise da *Oresteia*, de Ésquilo, de Bachofen não é tanto a derrota do matriarcado pelo patriarcado, mas o fato de que para fazer essas alegações falsas de derrota ou de superioridade, ele teve que inventar um tipo de pseudo procriação em rituais abstratos ou religiões e adequar o papel pro criativo factual básico de maternidade

biológica natural e esse "laço mais íntimo de amor". Isto é basicamente o que os papéis de sacerdócio e imamato têm feito. Nesses papéis os homens assumem os papéis de criar da mãe; eles chegam até o ponto de imitar a vestimenta de mulheres. No ritual patriarcal em que esta construção é mais evidente vemos homens vestidos como mulheres. É por isso que as mulheres reais são banidas desses papéis. Este foi o papel de Apollo e Athena. Além disso, para que essa pseudo-construção tenha sucesso, deve-se reclassificar mulheres colaboradoras (collaborating) como a Athena. Uma vez que podemos compreender esta análise, então não precisamos ir à antiguidade para ver esta luta ou disputa entre sistemas de pensamento matriarcais e patriarcais. Muitos teóricos feministas atuais também são incapazes de lidar com a questão do matriarcado, pois estão ainda atolados pela periodização de Bachofen. Ou talvez, porque eles não têm nem memória histórica, nem cultural do matriarcado, eles entendem o matriarcado não tanto no sentido de instituições sociais, organizações de parentesco, instituições de mulheres e cultura, mas como uma sociedade totalmente governada por mulheres. Quando eles não conseguem encontrar essa tal sociedade, eles descartam a questão do matriarcado e coloca como mito.

Diop ilustra como a compreensão de Morgan de sistemas de casamento e parentesco permaneceu caótica. A partir do estudo dos índios iroqueses da América do Norte, Morgan tinha, com base em seus conceitos etnocêntricos da estrutura da família nuclear da civilização europeia, postulado quatro estágios na evolução do matrimônio e da família, do primitivo e matriarcado dos povos "bárbaros", do patriarcado e a monogamia de "civilizado" Grécia e Roma. Como mostra Diop, a classificação de Morgan era basicamente esta equação: arianos (Indo-Europeu) = brancos = civilizados e não arianos = outros = selvagens. Morgan era um racista. Esta teoria era racista.

Em suas teorias de um matriarcado orgânico universal, tanto Bachofen e Morgan estabeleceram uma hierarquia falsa e racista dos valores e sistemas sociais. O sujeito (subject) colonial da antropologia reforçou essa divisão e racismo como resultado de seu zoneamento da humanidade em suas sociedades ditas primitivas = outros, e modernas - a deles = sociedades civilizadas. Essas noções racistas e ignorantes de civilizações culturais altas e baixas equiparou feudal, piramidal, sistemas políticos burocráticos e imperialistas como cultura "alta" e os sistemas políticos descentralizados e difusos como cultura "baixa" e primitiva. Como a consciência política de hoje busca reverter essa falácia, é marcado pelos movimentos para a comunicação horizontal e descentralização.

A posição de Diop é que o matriarcado é específico, e não geral, dado a influência da ecologia em sistemas sociais. Ele, portanto, apresentou sua hipótese de um berço duplo e foi em frente a discutir duas zonas geográficas do Norte e do Sul. Sua tese é que o matriarcado se originou no Sul agrícola, usando a África para ilustrar seu argumento, enquanto que o patriarcado originou no Norte, sendo nômade. O cinturão do meio era a bacia do Mediterrâneo, onde o matriarcado precedeu o patriarcado. Considerando que na Ásia ocidental, ambos os sistemas foram sobrepostos um sobre o outro.

Comparando estas culturas Norte e Sul com base na condição da mulher, o sistema de herança, dote e filiação de parentesco, Diop mostra como as culturas do norte indo-europeu negaram os direitos das mulheres e subjugou-as sob a instituição privada da família patriarcal, como foi argumentado por Engels. Os patriarcas do Norte tinham mulheres sob sua axila (armpit), confinando-as em casa e negando um papel público e de poder. Neste sistema, um marido ou pai tinha o direito de vida e morte sobre uma mulher. A viagem de mulheres para o casamento agravou (compounded) este controle patriarcal. Este sistema do Norte foi caracterizado por dote, adoração ao fogo e cremação.

Em contraste, na cultura matriarcal do Sul, tipificado pelo sistema agrícola e sistema de sepultamento, maridos vinham para as esposas. As esposas eram dona da casa e guardas da comida. A mulher era a agricultora. O homem era o caçador. O poder da mulher foi baseado em seu importante papel econômico. Este sistema também foi caracterizado por bridewealth (riqueza da noiva) e o forte laço entre irmão e irmã. Mesmo no casamento, onde uma mulher viajava esse vínculo não era completamente cortado. A maioria das regras de funeral prescrevia o retorno do cadáver da esposa para sua casa natal. Trocas funerais também indicavam uma compensação pela perda de uma mulher, como as minhas próprias pesquisas confirmaram.

Esse sistema matriarcal do sul também foi marcado pela sacralidade da mãe e sua autoridade ilimitada. Havia juramentos invocando o poder da mãe, isto é, a ritualização daquela matricêntrica, mãe e filho, "o laço de amor mais íntimo" citado até mesmo em Eumenides. Este é o "espírito da maternidade comum", geralmente simbolizado nas religiões africanas. Em Igbo, é Oma, Umunne, Ibenne. Neste conceito religioso africano, é a mãe que dá a seus filhos e à sociedade em geral o dom do "pote da prosperidade", que em Igbo é chamado de uba.

A mãe também dá o pote de segredos / mistério / magia / conhecimento sagrado / poder espiritual. Em Igbo, isso é chamado de ogwu. Em wolof, é demm. Todos os mitos, lendas e histórias de heroísmos africanos não adulterados atestam isso. Como diz Diop, essas ideias 'remontam aos primórdios da mentalidade africana. São, portanto, arcaicos e constituem, no presente, uma espécie de fossilização no campo das ideias atuais. Eles formam um todo que não pode ser considerado como a continuação lógica de um estado anterior e mais primitivo, onde uma herança matrilinear teria governado exclusivamente'.(p.34) A construção social ou cultural da paternidade nesses sistemas matriarcais levou os antropólogos sociais

preconceituosos e ignorantes a assumir que nossas sociedades não conheciam os fatos da concepção!

A teoria de Diop é que esses dois sistemas são irredutíveis, 'foi demonstrado que essas coisas ainda ocorrem sob nossos próprios olhos, nos dois berços e com pleno conhecimento dos fatos. Não é, portanto, lógico imaginar um salto qualitativo que explicaria a transição de um para o outro'. (p.41) Diop, portanto, insistiu em atribuir a mudança social principalmente a fatores externos, como resultado de sua visão orgânica da sociedade. Essa compreensão orgânica da sociedade e da cultura contribuiu para que ele atribuísse os sistemas mistos das sociedades oceânicas ao papel de migração e dispersão.

Essa atribuição de mudança social apenas a fatores externos apresenta não apenas uma visão orgânica, mas também estática da sociedade. Diop viu a África aborígene como o continente onde as civilizações antigas permaneceram preservadas, já que a África parecia mais substancialmente resistente a fatores externos. Assim, Diop foi capaz de apresentar dois sistemas polares de valores para seus berços norte e sul. A África, como representante do berço do sul do matriarcado, valoriza a família matriarcal, o estado territorial, a emancipação da mulher na vida doméstica, o ideal de paz e justiça, bondade e otimismo. Suas literaturas favoritas eram romances, contos, fábulas e comédias. Sua ética moral foi baseada no coletivismo social.

O contrastante berço do norte, como exemplificado pela cultura da Grécia e Roma arianas, valorizava a família patriarcal, a cidade-estado, a solidão moral e material. Sua literatura foi caracterizada pela tragédia, ideais de guerra, violência, crime e conquistas. A culpa, o pecado original e o pessimismo, impregnaram toda a sua ética moral baseada no individualismo.

Diop, tendo assim contrastado um sistema com o outro, passou a fornecer uma história geral de ambos os berços e suas áreas de influência. Para provar seu ponto de vista de que as mulheres africanas já eram rainhas e guerreiras, participando da vida pública e política, enquanto suas contemporâneas indo-europeias ainda estavam subordinadas e subjugadas sob a família patriarcal, Diop nos apresenta uma série de poderosas antigas rainhas africanas e suas conquistas. Na Etiópia, houve a rainha de Sabá, a rainha Candace, que lutou contra o exército invasor de Augusto César. No Egito, havia a rainha Hatshepsout, descrita como "a primeira rainha da história da humanidade". Cleópatra foi intitulada "Rainha dos Reis". Mesmo nos imensos e poderosos impérios de Gana, no século III dC, os valores matriarcais eram a norma. Foi o mesmo no império do Mali.

Consistente com sua teoria do fator externo na mudança social, Diop atribui a introdução da patrilinearidade na África à vinda do Islã no século X. Mesmo assim, ele argumenta que a patrilinearidade estava na superfície e não penetrou profundamente nos sistemas matriarcais básicos. Ele atribui as mudanças mais recentes em direção ao patriarcado a fatores mais externos como o islamismo, o cristianismo e a presença secular da Europa na África, simbolizada pela legislação colonial, direitos à terra, nomeação do pai, monogamia e a classe das elites educadas no Ocidente e contato moral com o Ocidente.

A teoria de dois sistemas irredutíveis de Diop me parece difícil de aceitar academicamente, dadas as limitações impostas à abordagem orgânica das sociedades, que leva à representação da sociedade como estática e não dinâmica em si mesma.

No entanto, aceito a irredutibilidade da unidade matricial como um fato social. O patriarcado só pode se basear em uma negação desse fato, daí suas falsificações e fabricações. O patriarcado é tanto uma construção social

quanto cultural, consequentemente a equação do patriarcado com o controle e a opressão das mulheres. O fato 'natural' e social da unidade matricêntrica é básico para todas as sociedades, como simbolizado pela mulher grávida.

Consequentemente, a questão é se essa estrutura básica da mãe e do filho é reconhecida na organização social, cultura e política. Onde é reconhecido, as mulheres seriam obviamente organizadas para salvaguardar esse reconhecimento. Pelo que sabemos, as mulheres foram organizadas em sociedades indígenas africanas. As mulheres igbo, por exemplo, ainda cantam: "a mulher é a principal, é a principal, é a principal", repetindo e repetindo a declaração e a mensagem. Assim também é a sagacidade e infalibilidade de mães cantadas repetidamente - por mulheres. As mulheres africanas eram aquelas socioeconomicamente organizadas que estavam no controle de certas áreas e envolvidas nos processos de criação de ideologias.

Portanto, é necessário aplicar uma multiplicidade de abordagens teóricas para obter uma visão das dimensões internas das relações sociais e de gênero. Seria necessário aplicar teorias de processo social, conflito e dissensão, a fim de obter um quadro muito mais completo de sociedades e culturas, não apenas um conceito orgânico dado e imutável dos chamados sistemas formais. Homens e mulheres são animais racionais, capazes de formar grupos de interesses políticos e conflitantes com base em sexo, idade, classe, etc., diferenças ou semelhanças. Mesmo o indivíduo pode estar em conflito com a instituição como é argumentado por diferença / diferentes desconstrucionistas.

É por isso que tomei uma posição diferente na 'Fundação Matriarcal Africana' e argumentei que, em todos os tempos da história humana, os princípios matriarcais e patriarcais de organização social ou ideologias apresentaram dois sistemas justapostos e contestadores. Por exemplo, se essas rainhas listadas por Diop estivessem funcionando apenas em sistemas

matriarcais, ficamos imaginando por que precisavam usar símbolos masculinos de autoridade, como Nzinga, de Angola, vestida com roupas masculinas, ou Hatshepsout, no Egito, que usava barba. O masculinismo da maioria dessas rainhas guerreiras rendeu-lhes descrições como ironmaidens (donzelas de ferro) e Boadiceias.

Pode-se argumentar que, como resultado das diferenças matriarcais básicas nos valores sociais, a centralização e o feudalismo na África lançariam as "abelhas-rainhas", confortavelmente sentadas em seus "eus femininos"/ feminilidade (female selves), enquanto os valores patriarcais e centralizados indo-europeus produziriam as Boadiceias e donzelas de ferro, geralmente alienadas de seus "eus femininos". Nos tradicionais sistemas políticos descentralizados africanos, a representação simbólica das deusas era simplesmente em mulheres tituladas, que não eram nem 'abelhas-rainhas' nem donzelas de ferro, como por exemplo, Igo Ekwe titulava mulheres.

Esse debate também foi assumido por Diop, quando ele descontruiu o mito clássico da amazona, mostrando como ele era derivado de um berço eurasiano, onde "reinava um feroz patriarcado". É a malícia patriarcal contra as mulheres, fabricada no mito clássico da Amazona, que levou Diop a fazer essa afirmação: "Matriarcado não é um triunfo absoluto e cínico da mulher sobre o homem; é um dualismo harmonioso, uma associação aceita por ambos os sexos, para construir uma sociedade sedentária, onde cada um pode desenvolver-se plenamente seguindo a atividade mais adequada à sua natureza fisiológica. Um regime matriarcal, longe de ser imposto ao homem por circunstâncias independentes de sua vontade, é aceito e defendido por ele".
(p.108)

Como Diop diz corretamente de contingentes femininos militantes ou militares na África, 'o ódio aos homens é estranho para elas e elas possuem a consciência de 'soldados' lutando apenas pela libertação de seu país'.

O que é importante para nós hoje não é o legado de rainhas guerreiras, mas uma análise minuciosa do sistema primário de organização social em torno de uma unidade cultural matricêntrica economicamente autossuficiente ou autoportante e um sistema linguístico de gênero livre ou flexível de gênero, que é o legado do matriarcado africano. Precisamos entender suas religiões e culturas associadas à deusa, que ajudaram as mulheres a se organizarem efetivamente para lutar contra as forças subordinadoras e controladoras do patriarcado, alcançando assim uma espécie de sistema de freios e contrapesos. Isso é basicamente o que as chamadas religiões monoteístas e abstratas do islã e do cristianismo que governam a África hoje subvertem e continuam a atacar. A questão fundamental para aqueles que propõem essas religiões como um possível meio de alcançar uma unidade pan-africana de federação é: estas religiões são capazes de aceitar e acomodar nossas deusas e matriarcados, isto é, as verdadeiras culturas primordiais das mulheres africanas na atual política de primordialismo, manipulado por nacionalistas e fundamentalistas?

A África do interior propriamente dita, que possuía estruturas tais que favoreciam o domínio das deusas, matriarcas, rainhas, etc., ainda hoje está presente conosco. Mas esses sistemas estão enfrentando erosão, enquanto homens africanos de elite manipulam os patriarcados novos e emprestados para forjar o mais formidável "imperialismo masculino", ainda desconhecido em nossa história. Como vamos subverter isso, já que a primeira baixa tem sido a autonomia e o poder da organização das mulheres indígenas?

Em contraste com o aparente conluio das filhas africanas atuais do establishment, a questão do papel e do status da mulher na sociedade, longe de ser um debate do século dezenove, desde os anos 60 reuniu uma nova

força na literatura feminista e na erudição ocidental. Na Alemanha, por exemplo, o inquérito sobre o matriarcado é levado muito a sério. Nos EUA e na América Latina, a busca das mulheres pela espiritualidade predomina. Na Grã-Bretanha, é uma busca por deusas antigas. Há também um renascimento dos cultos de bruxaria. Todo o movimento Verde e Ecológico deriva seu conceito e ideologia do chamado animismo africano, que agora está sendo reconhecido como uma adoração da natureza. Em tudo isso, a etnografia africana serve como um banco de dados, mas com pouco reconhecimento por parte dos usuários. A história da apropriação grega da filosofia e da ciência africanas no século XIX se repetiu nesta véspera do século XXI?

Ironicamente, em todos esses movimentos, é esse continente de matriarcados, a África, onde não há tal preocupação na erudição africana. É a razão porque ainda está no controle de homens e mulheres da elite, cristãos e islamitas? É também porque somos agora governados diretamente pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), pelo Banco Mundial e por agências de ajuda estrangeiras e os neo-missionários nos 'arremessam' dinheiro, comida, roupas e seus livros/ conhecimentos, incluindo seus resíduos tóxicos? Numa espécie de negação abstrata da realidade social e material da experiência de cada criança africana e sua mãe, como é característico de novas invenções patriarcais masculinistas por homens especialmente africanos de elite, esta contínua prática de cópia e sua esquizofrenia sintomática continua a ser o destino da mente de África colonizada.

Como Diop assumiu a questão fundamental do matriarcado a partir de uma perspectiva e interesse afrocêntricos, em oposição a uma luta comprometida pelos direitos das mulheres nos sistemas patriarcais, qual estudioso vai combinar com o feminismo de Cheikh Anta Diop? Para ele, o matriarcado é um'conjunto de instituições favoráveis à feminilidade e à humanidade em geral'. Como ele disse, a ciência social controlada pelos homens só viu nisto "liberdade perigosa e quase diabólica". Alguém se

pergunta por que os teóricos matriarcais ocidentais não citam o trabalho de Cheikh Anta Diop?

A raiva contra Diop por eruditos brancos e pelo interesse próprio ocidental não diminuiu. Na verdade, é muito comum hoje em dia ser papagaiado por uma classe particular de africanos, que ainda estão sob sua tutela, supervisão e controle, os copiadores. Quanto aos homens africanos, eles se sentem contentes em citar apenas os aspectos do trabalho do grande pensador que servem ao seu propósito, especialmente a recuperação do antigo matriarcado egípcio, é a menor importância dada e aplicada.

Nas descobertas mais recentes na busca ocidental por origens raciais humanas, uma invenção racista e preocupação apenas do Ocidente, Diop é reivindicado repetidas vezes como o papel principal da mãe africana, seja na herança do gene ou da linguagem para a raça humana continua a ser "muito cientificamente provado". Mas a apropriação racista continua mesmo nesta época de desconstrução - se esses mais jovens de nossos filhos não chamam a mãe africana da humanidade, Lucy, eles a chamam de Eva! Então, vemos novamente, a apropriação do século XIX. Para os cientistas, é impensável que o fóssil da nossa mãe africana, encontrada no continente africano, conserve um nome africano! Isso cristaliza e simboliza a natureza da relação da civilização europeia com a da África. Essa estrutura de apropriação pode ser encontrada em todos os outros campos de relações.

Diop rezara: "Que esse trabalho pode contribuir para o fortalecimento dos sentimentos de boa vontade que sempre uniram os africanos de um extremo ao outro e, assim, mostrar nossa unidade cultural orgânica". Ele tornou imperativo que um conhecimento completo das lições devesse ser aprendido com o passado, a fim de "manter a consciência de que o sentimento de continuidade histórica é essencial para a consolidação de um estado multinacional". Como Cheikh Anta Diop, por causa de nossa história

do colonialismo, os intelectuais africanos, se quiserem estar livres da autonegação, devem desconstruir, invalidar e reconstruir. A imposição de uma moeda comum e uma linguagem comum acima dos nossos idiomas locais é um imperativo. Não importa qual língua, desde que sua morfologia e sintaxe tenham origem africana, especialmente é a formação de gênero. Não adianta nos impor um crioulo que incorporou todas as estruturas patriarcais e racistas de sua origem. Todos podem, de fato, começar pelo mesmo ponto de partida, se escolher a língua africana mais remota de dentro do arbusto e a levar a crescer conosco. Nesse caso, não haverá dúvida de imperialismo e desconfiança.

Neste projeto de reconstrução, uma história social com consciência de gênero e classe é uma prioridade. O termo antropológico racista, que realmente deveria ter sido a história social, deve ser totalmente banido. Devemos adotar e elaborar a historiografia de Cheikh Anta Diop, usando sua abordagem multidisciplinar para escrever uma história social africana e reforçar o ensino da história social em nosso currículo. A erudição africana atual só conhece a história cronológica de reis, rainhas e conquistas. Como em nossas escolas e faculdades, não há história social, nem história de base a partir da base e da história de nossas instituições sociais indígenas, como então podemos começar a construir uma história e unidade afrocêntrica sem esse conhecimento? Como nosso grande filósofo e ativista político africano disse, que o compromisso geral do ativismo intelectual leve à liquidação de todos os sistemas coloniais do imperialismo. Sua visão do universo de amanhã é aquela imbuída do otimismo africano. Diop previu assim o movimento ecológico?

Este livro permanecerá um clássico enquanto houver homens e mulheres neste mundo e enquanto o Ocidente persistir em sua história do patriarcado, do racismo e do imperialismo.